

Mudança nos padrões de consumo de vestuário para cariocas em São Paulo

Solange Riva Mezabarba

Universidade Federal Fluminense

Solange_riva@hotmail.com

www.pelasruasecabides.com.br

Resumo

Este artigo tem como tema central o vestuário e a apresentação de si numa perspectiva comparada entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Para tanto, mulheres cariocas que se mudaram para a capital paulista falam sobre suas percepções e a mudança no padrão de consumo de vestuário que empreenderam para ser bem sucedidas em suas interações cotidianas.

Palavras-chave: consumo; vestuário; cidades.

Abstract

The subject of this article is the apparel and self presentation in a comparative perspective between the cities of Rio de Janeiro and Sao Paulo. To realize this analysis, women from Rio de Janeiro that moved to Sao Paulo talk about their perception and the change they had to do in their apparel consumption pattern to get success in the interactions in every day life.

Key-words : consumption ; apparel ; cities.

Introdução

Este artigo é parte da minha tese de doutorado defendida em julho de 2013. Especificamente para este trabalho trato de elencar algumas percepções de mulheres cariocas originárias da Zona Sul da cidade sobre a sua apresentação pessoal quando, por algum motivo, precisaram se mudar para a cidade de São Paulo. A análise tem como arcabouço teórico o pensamento de Erving Goffman que, estudando a ordem pública, designou conceitos sobre o modo de apresentação pessoal e sua importância para a reputação do indivíduo durante as interações cotidianas.

O conceito de “apresentação de si” é uma tradução do original “*self presentation*” que designa o modo de apresentação pessoal considerando o que Goffman (1985) denomina “fachada pessoal”. A fachada é composta de elementos fixos e não fixos. Ou seja, há características imutáveis como sexo, cor da pele, altura etc, e outras que são gerenciadas, como o vestuário, o gestual, o vocabulário. Neste trabalho, me interesseo especificamente pelo vestuário como elemento chave nas interações cotidianas quando há uma mudança de cidade. As cidades possuem um *ethos* diferenciado, que se constitui numa marca de estilo de vida local. A mulher carioca que vai morar em São Paulo precisa adaptar seu modo de vestir ao *ethos* da nova cidade para que seja bem sucedida em suas interações cotidianas. Este não é um exercício muito simples. É preciso familiarizar-se com a gramática local para não incorrer em “erros” que possam prejudicar as interações.

O conceito de *ocasião social* (Goffman, 2010) pressupõe um determinado contexto social limitado pelo tempo e pelo espaço, como uma festa, por exemplo. Algumas *ocasiões sociais* no Rio de Janeiro, no entanto, possuem gramáticas de apresentação pessoal diferentes de *ocasiões sociais* correspondentes na cidade de São Paulo. Esta é a opinião do grupo de mulheres que foram entrevistadas na cidade de São Paulo. São quinze cariocas que moravam na capital paulista já há algum tempo e que se prontificaram a ser visitadas e entrevistadas por mim. Foram realizadas entrevistas qualitativas em profundidade guiadas por um roteiro previamente elaborado. Profissionais da área de moda também foram ouvidas. Entre elas, uma consultora de estilo para empresas, e uma especialista em roupas para casamentos.

***Ocasões sociais* cariocas e *ocasiões sociais* paulistanas**

As roupas que as mulheres cariocas usam em determinadas *ocasiões sociais* no Rio de Janeiro, e aquelas que elas usam supostamente em *ocasiões sociais* correspondentes na cidade de São Paulo são escolhidas, muitas vezes, sob a influência de um imaginário amparado em fortes valores identitários de ambas as cidades. De modo geral, quando vivendo em São Paulo, as cariocas

parecem reafirmar ainda mais marcadamente a sua origem e a sua identidade. Mesmo aquelas que buscaram a adaptação local fazem questão de se reafirmar, recorrentemente, como cariocas.

Eu sou uma carioca em São Paulo. Eu não sou uma paulista, eu sou uma carioca em São Paulo (carioca do Leblon, 57 anos, morando no Morumbi).

Ainda assim, há uma busca permanente à adequação do estilo de vida local, que, se não é uma mudança num sentido mais amplo, é uma tentativa de adaptar-se ao novo contexto para evitar problemas com as interações sociais.

Há algumas premissas que podemos cruzar para determinar as estratégias de vestir. Podemos dizer que a primeira tem relação com a ocasião: casamento, trabalho, festa, *happy-hour*, churrasco, almoço (lazer ou negócios), jantar (lazer ou negócios). A segunda, com o local: cidade, bairro, ruas (ou a rua), clube, restaurante (que tipo de restaurante), bar, boteco, danceteria, igreja (de que credo), empresa (tipo de empresa). A terceira e mais complexa é entender que diferentes *ethos* pressupõem diferentes entendimentos para as práticas durante essas *ocasiões sociais* no Rio de Janeiro e em São Paulo. Assim, por exemplo, diferentes níveis de formalidade e informalidade são atribuídos a cada ocasião, e a cada ocasião por cidade, e a elas correspondem elementos do vestuário que compõem uma apresentação final considerada “correta”.

Para exemplificar as atribuições de ocasião, em pesquisa que um grupo de alunas do curso de Estamparia do Cetiqt realizou sobre ocasiões de uso de estampas, suas interlocutoras, moradoras da Zona Sul do Rio, invariavelmente relataram o desconforto do uso de roupas estampadas em casamento. A especialista em moda para casamentos, no entanto, afirmou que não existe uma regra de etiqueta que constranja o uso de estampas, mas, segundo a modista, deve haver um “bom-senso” sobre o tipo de estampa a escolher. Por “bom-senso” poderíamos inferir o esforço de “causar uma boa impressão”, o que pode incluir mais uma gama de critérios, começando pelo papel desempenhado no casamento (madrinha, mãe da noiva, convidada muito próxima etc.), o local e horário onde se realiza a cerimônia, a posição social das famílias anfitriãs. Dentro deste esquema, haveria ainda os significados

atribuídos aos tecidos. Malha de algodão, disse a modista, não é recomendado para nenhum tipo de casamento, nem para convidadas e, menos ainda, para madrinhas. No entanto, segue ela, muitas mulheres no Rio lançam mão de roupas de malha de algodão para casamentos. Ela relatou um caso onde meninas (bem jovens, segundo ela) que eram madrinhas, usaram vestidos longos de malha, o que, para ela, estava fora de contexto, desrespeitando, em alguma medida, os noivos. Dada a formalidade da ocasião, junto com a malha de algodão, outros tecidos considerados “baratos” também seriam inadequados: a *lycra*, o algodão, o *tactel*. Tecidos com outras texturas, considerados mais formais e caros poderiam estar na lista de opções: *laize* bordada, tule, seda, linho (talvez), tafetá, cetim, veludo, renda. O *jeans*, por seu poder de elasticidade de uso, poderia enquadrar-se em algumas dessas combinações de categorias sobre casamentos. A modista admitiu algo como um *blue jeans* num convidado não muito próximo aos noivos, num casamento diurno, ao ar livre, com noivos de famílias não muito formais etc.

Após a escolha do tecido, mais uma gama de elementos deve ser considerada como, por exemplo, a escolha entre o liso e o estampado, o comprimento da roupa, o modelo, se terá mangas, caso tenha, se serão curtas, três-quartos ou compridas, se será decotado, caso seja, se o decote estará no busto ou se estará nas costas. Como podemos ver, é possível uma análise combinatória com muitas probabilidades finais para as mulheres.

No caso estudado, estamos falando de sintaxes atribuídas às diversas ocasiões em cada cidade, com regras de combinação que produzem efeitos semânticos distintos. Por exemplo, há uma escala diferente nos conceitos de formalidade e informalidade e de sofisticação e simplicidade nas duas cidades.

Uma carioca do Leblon morando no Butatã (46 anos) relatou como, usando uma lógica paulistana de vestir, já que morava na capital paulista há vários anos, se produziu para um casamento considerado bastante formal e sofisticado no Rio de Janeiro (do filho de uma apresentadora de televisão). Optou por um vestido longo, caro, bastante sofisticado, e lá se considerou *overdressed*. Não havia outros longos na festa, disse ela, a não ser os vestidos das madrinhas. Ela percebeu que a roupa longa, que pressupõe

maior sofisticação e formalidade, é praticamente desnecessária no Rio de Janeiro. Raras são as ocasiões adequadas para o uso. Roupas curtas em casamentos na capital fluminense não ferem o *ethos* local de sofisticação e formalidade, dependendo do modelo e do tecido confeccionado.

Em outra bateria de entrevistas realizadas no Rio de Janeiro (Zona Sul) com mulheres cariocas, uma interlocutora (moradora da Lagoa, 46 anos) me mostrou um vestido longo assinado pelo estilista Carlos Tufvesson trabalhado com uma combinação de cores pouco comum, o roxo e o amarelo, usado uma única vez numa festa no Jockey Clube do Rio de Janeiro. Nesta festa, ela disse, teria que interagir com pessoas pertencentes a um estrato social acima do seu. Havia, portanto, o esforço de adequar a imagem ao contexto para um *upgrade* na imagem (com uma expectativa muito particular em relação a uma classe social mais alta). Sendo um vestido exótico, um estilista famoso legitimaria o seu modo de vestir e proporcionaria a ela a segurança para circular num meio social diferente do seu próprio. No evento, ela disse, sentiu-se confortável e *encaixada* na ocasião. Sua frustração, no entanto, foi clara quando perguntei em que outra ocasião usaria. Ela não tem planos para o vestido, pelo menos no curto prazo. O investimento naquela roupa se torna alto, já que o uso, muitas vezes, se limita a uma única vez.

Por isso, algumas cariocas até lamentam “não ter oportunidade” de se “arrumar” com mais sofisticação no Rio de Janeiro. Quando estão em São Paulo, em geral desconfortáveis num primeiro momento, começam a se animar com as inúmeras oportunidades de uso que terão daquelas roupas que no Rio de Janeiro estariam fadadas a não sair do guarda-roupa, ou sair em raríssimas ocasiões.

Meu marido, quando era do banco, a gente teve um jantar patrocinado pela Cartier, com a rainha da Suécia. (...) Eu me lembro que eu vim trabalhar, trabalhei o dia inteiro, na época eu nem roupa longa eu tinha, uma amiga me emprestou um longo pra eu ir pro negócio, era uma saia com uma blusa superbonita. Mas eu olhei aquilo e disse: gente, esse mundo não me pertence. Porque eram essas mulheres com aqueles cabelos que você viu que passaram o dia inteiro no cabeleireiro, maquiadas e eu mesma tinha feito a minha maquiagem. Essas coisas aqui em

São Paulo... eu fui mudando. Eu hoje tenho o meu armário três ou quatro longos, porque eu tinha oportunidades aqui que lá no Rio eu não tinha (carioca do Leblon, 57 anos, moradora do Morumbi).

Há implícito num convite para um casamento (ou mesmo outras ocasiões) uma dimensão de contrapartidas, num esquema análogo ao da dádiva tal como descreve Mauss (2003). A recusa de um convite de casamento deve vir acompanhada de uma explicação, não dispensa o envio do presente e, pelo menos, uma mensagem de felicitações. Oferecer um convite como este equivale a atar relações importantes, e a retribuição esperada é que se prestigie a ocasião. O esforço mínimo de criar um projeto estético para si com vistas a prestigiar o evento é esperado. Por isso, pode-se dizer, o excesso de sofisticação afeta muito menos a reputação individual do que a percepção de que não houve grande esforço em se apresentar para a ocasião. No caso de São Paulo, e provavelmente de muitas outras cidades, o *upgrade*, em qualquer situação é menos “grave” do que o *downgrade*, ainda que também cause, em certa medida, algum constrangimento.

Muitas vezes ouvi nos relatos das entrevistadas como prezam (pelo menos quando estão no Rio de Janeiro) o hábito de sair da praia, colocar um “vestidão” e assim estar prontas para outros programas que eventualmente surjam na sequência da praia. Não há, portanto, o costume de voltar em casa e criar uma “nova aparência” para frequentar um novo grupo. Na percepção das cariocas que moram em São Paulo, a paulistana se prepara de modo diferente para diferentes tipos de interações. Quando não voltam em casa para rever a aparência, o fazem no próprio ambiente de trabalho, em muitos casos levando na bolsa, segundo uma informante (carioca, 57 anos, moradora do Itaim Bibi), sua própria maquiagem e outros elementos para compor uma nova aparência em qualquer lugar. Quando nas ruas, porém, o risco da inadequação é mais alto, pode haver uma reação imediata como relata esta carioca:

Eu tinha um casamento logo que eu vim morar aqui, e eu precisei comprar uma roupa. (...) saí de cabelo molhado, um tenisinho que eu tinha, branquinho assim, mas já estava meio... não estava tão branco não. Shortezinho, uma bermudinha mais de brim, uma

camisetinha tipo essa aqui (de manguinha) e fui caminhar até a loja da roupa de festa. Eu entrei e ninguém veio falar comigo. (carioca, ex-moradora de Botafogo, moradora do Itaim Bibi).

Enfim, parece que há mesmo no carioca um estilo excessivamente despojado que não considera o bem-vestir como um valor.

O ambiente de trabalho, no entanto, é um momento onde parece não haver escapatória. É preciso, sim, o esforço de entender a gramática local para estar enquadrada, afinal não apenas a reputação pessoal está em jogo, mas a própria posição profissional.

As regras de etiqueta para vestir no ambiente de trabalho em São Paulo são percebidas pelas cariocas da seguinte forma: roupas muito abertas (com decotes, braços de fora, roupas curtas, por exemplo) estão vetadas. As mulheres recomendam cores neutras, evitam estampas e cores fortes, *jeans* somente em ocasiões especiais como nas empresas que adotam o *casual day* (ou o dia em que todos podem ir mais à vontade para o trabalho), ainda assim, um *jeans* não muito apertado, sem muitos acessórios (como tachas, brilhos e bordados) e estilo *blue jeans* (não cabe *jeans* desbotado ou com rasgos vindos de fábrica). Elas percebem um grau de formalidade maior do que no Rio de Janeiro.

A análise das ruas produz uma percepção de padronização que é bastante forte. A predominância das cores neutras e, em especial, do preto, é perceptível como de uso recorrente nas ruas da capital paulista. As origens deste comportamento podem estar no senso comum, como diz Birren (1956, *apud* Sahlins, 2003) de que cores sóbrias e contrastes mínimos são típicos da classe alta do sistema, enquanto as cores vivas e os contrastes fortes são típicos da massa. Constanza Pascolato, *socialite* paulistana que, poderíamos dizer, é considerada uma importante agente de transferência a influenciar o jeito de a paulistana se vestir, corrobora esta afirmativa. Para ela, a elegância está nas cores branco, preto, bege, marrom, cinza e azul-marinho (Pascolato, 1999). Percebe-se nas ruas de São Paulo uma predominância de roupas lisas, sem estampas, e com cores neutras que, supostamente, são usadas no ambiente de trabalho.

Esta relação feita entre a cidade de São Paulo e as cores neutras, ou a ausência de tecidos estampados, é bastante forte na percepção que as cariocas têm sobre a gramática do vestir da cidade. Vi muitas estampas nos guarda-roupas das cariocas que moram em São Paulo, mas quando pedia para que separassem as peças que usam em São Paulo e aquelas que servem apenas para compor a mala que levam quando vão ao Rio, as cores fortes e estampas eram sempre dirigidas à mala do Rio de Janeiro.

Voltando ao par de oposição “formal” *versus* “informal” há a percepção de que São Paulo sempre será formal em relação ao Rio. Uma informante carioca (40 anos, ex-moradora de Botafogo, moradora de Moema) contou que depois de mais de 10 anos morando na capital paulista, agora, quando vai a uma reunião de trabalho ou mesmo entrevista no Rio, sente que está “bem-vestida demais” para os padrões cariocas. No fim, ela diz: “tem uma hora que você não é mais de lugar nenhum, não é mais carioca, nem paulista”, se referindo ao modo como é reconhecida pela sua aparência – como “carioca” em São Paulo e como “carioca ‘apaulistada’ no Rio”.

Porém, no que se refere à dimensão do trabalho podemos ainda definir diferentes graduações do que se estabelece como “formalidade” e “informalidade”, e que elementos, na prática, proporcionam a leitura “acertada” desses níveis. A consultora de imagem corporativa (que é paulistana) explica com os seguintes argumentos:

Quando a mulher é informal, o problema é essa informalidade perder o caráter da imagem de profissionalismo, quer dizer, eles são tão informais que o profissionalismo não é transmitido mais a partir da aparência. É combater a ideia de que no informal tudo pode. Quer dizer, é informal, mas não é tudo que pode.

A formalidade no trabalho pressupõe uma imagem feminina descolada da sensualidade. No entanto, para muitas mulheres, a sensualidade pode estar na postura, ou em um ou outro detalhe da roupa, como os saltos altos. Smith (2004) recorda como calçados do tipo mocassins e tênis são sexualmente neutros. Mas, do lado oposto, o desconforto, fragilidade, a pouca praticidade e inutilidade dos saltos altos são compensados com a feminilidade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de um caminhar altivo, onde a panturrilha está

contraída, e isso exige uma postura reta, um caminhar mais lento e cadenciado, produzindo, na interpretação de algumas, um traço de sensualidade velada no ambiente de trabalho.

Segundo Smith (2004:123), a mulher que usa salto alto “manda a mensagem de que não precisa tomar táxi ou apanhar o metrô (ou, pelo menos quer dar essa impressão)”. As cariocas percebem que em São Paulo o uso de salto alto é mais comum do que no Rio de Janeiro. Uma carioca morando em São Paulo, quando perguntada sobre o que usa em São Paulo e que jamais ou dificilmente usaria no Rio, ela responde: “Jamais eu não diria, mas, por exemplo, salto eu uso muito menos no Rio”.

No dia a dia, pensando em outras ocasiões que não o trabalho, São Paulo sempre será o local onde há um padrão maior de exigência de formalidade, colocando em perspectiva os usos e ocasiões de uso no Rio de Janeiro. Ou seja, à roupa que corresponde a uma ocasião como “sair com amigos para almoçar” no Rio, podemos dizer que em São Paulo seu uso resultaria inadequado para a mesma ocasião. Na percepção de algumas cariocas com quem conversei há um *downgrade* natural das roupas do Rio de Janeiro em São Paulo.

O vestido de festa com marca de elite usado no Rio de Janeiro se converte em “bata de praia” para os padrões paulistanos, os vestidos estampados comprados numa loja prestigiada do Rio também são ironizados quando imaginados no cenário paulistano (“você vai ficar parecendo o Agostinho Carrara da *Grande família*”). Ou seja, o uso em ocasiões “nobres” no Rio é rebaixado ao uso em ocasiões vulgares (ou ao não uso) dentro de um esquema de valor das aparências da cidade de São Paulo. As expectativas das cariocas sobre como gerenciar a aparência em São Paulo para criar uma imagem afirmativa levam sempre a um planejamento mais cuidadoso, buscando chegar a um padrão (superior em formalidade comparado ao Rio) percebido pelas cariocas.

Considerações finais

O processo de consumo de vestuário é de grande complexidade, dado que a roupa, nas sociedades modernas, é um importante item para a construção de uma fachada pessoal (Goffman, 1985) e conta com a prerrogativa da “liberdade de escolha”. Sua importância está nas interações e no constante risco de afetar a reputação.

Rio de Janeiro e São Paulo possuem identidades bem marcadas. Quem vive nessas cidades está submetido às regras de convivência nos territórios por onde circulam. A mesma mulher sai do Rio de Janeiro onde veste determinadas peças de roupas para ir ao seu trabalho ou fazer parte das diversas *ocasiões sociais* de seu cotidiano, quando vai para São Paulo busca roupas um pouco mais “sofisticadas”. O que a faz agir assim? Suas expectativas em relação ao que vai encontrar do outro lado da Ponte Aérea, e o desejo de ser bem sucedida em suas interações cotidianas. E essas expectativas se formam a partir de experiências anteriores ou no imaginário de um *ethos* local.

Enquadrar-se nesses modelos, nesses *ethos* de cidade é que colocará em jogo a reputação. Se no Rio de Janeiro estar excessivamente “arrumado” pode despertar olhares, em São Paulo o jeito carioca de se vestir pode despertar reações, como a descrita pela mulher que se sentiu ignorada pelas atendentes numa loja de roupas para festas no Itaim Bibi. Assim, cariocas percebem um *upgrade* natural em São Paulo quando pensam numa escala de formalidade. E procuraram, para ser bem sucedidas na cidade, adaptar-se como podem ao estilo local de vestir.

Referências bibliográficas

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

----- **Comportamento em lugares públicos**: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naivy, 2003.

MEZABARBA, Solange R.. **Vestuário e cidades: ethos, consumo e apresentação de si no Rio de Janeiro e em São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

PASCOLATO, Constanza. **O essencial**. O que você precisa saber para viver com mais estilo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SMITH, Nancy Macdonnel. **O pretinho básico**. A verdadeira história dos 10 favoritos da moda. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.